



O que desejamos formar: Leitores ou Ledores?*

Milene Vargas da Silva Batista (Mestranda em Cognição e Linguagem pela UENF)

Professora Orientadora: Eliana Crispim França Luquetti¹

Resumo

Este trabalho buscou investigar o motivo dos alunos estarem concluindo o ensino fundamental e apresentarem dificuldades de compreender o que estão lendo, muitas vezes apresentam uma leitura fluente, porém, a dificuldade de compreensão é muito significativa. Um ponto relevante do trabalho foi detectar que a dificuldade de compreensão está também ligada à falta de conhecimento prévio dos alunos sobre determinados assuntos trabalhados em sala de aula e seu contato fora do ambiente escolar com a leitura. Buscou-se então, estabelecer a distinção entre leitor e ledor. Ressaltando que o ledor prefigura aquele ser passivo, mobilizado, que pouco ou nada acrescenta ao ato de ler. Em contrapartida, o leitor é móvel e tem um olhar indefinido, criativo sobre o texto, este consegue ler em suas entrelinhas, desvelando seus sinais visuais e invisíveis. Como metodologia adotou-se o levantamento bibliográfico, embasado em estudiosos no processo de leiturização.

Palavras-chave: Leitura, compreensão, entrelinhas.

1 Introdução

Atualmente, toda a educação formal vive uma situação paradoxal. Enquanto a Internet dentro do contexto de uma revolução tecnológica torna-se uma ferramenta importante para a socialização e o crescente desvendamento do conhecimento, também ocorre, um aumento de processo de massificação cultural, em que a maior parte dos sujeitos sociais, não consegue fazer uma leitura crítica do mundo. Logicamente, o indivíduo necessita a cada dia e com maior frequência ler, inclusive para entender como manusear as ferramentas tecnológicas, e assim, aumentar sua bagagem cultural e suas experiências de leitura.

* Este artigo foi apresentado no VI ENLETRARTE (Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes), no IFF *campus* CAMPOS CENTRO, em junho de 2015. Foi desenvolvido sob a orientação de Eliana Crispim França Luquetti – Doutora em Linguística.

¹ Milene Vargas da Silva Batista (Mestranda em Cognição e Linguagem pela UENF). Professora da Rede Municipal de Educação de Itaperuna, Tutora Presencial do Cederj. milenevargas@hotmail.com

Nesse contexto, a leitura é exercida superficialmente, em razão da rapidez e da velocidade das informações que navegam na Internet. A leitura como ferramenta eficaz na formação do cidadão, uma vez que dá acesso para o desenvolvimento holístico do indivíduo, isto é, ao desenvolvimento do ser humano no seu todo, de forma global, deve ser observado e orientado e acompanhado em todo o processo de escolarização. Então, surgem as inquietações a respeito do que se deseja formar: Leitores ou ledores?

Ler não significa decifrar, como se observa em um jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do processo de leitura, que o leitor proficiente é capaz de atribuir um significado, conseguindo relacionar-se com todos os outros textos significativos para cada um, ainda reconhecendo neste, o tipo de leitura que o autor pretendia e, como dono da própria vontade, entrega-se a esta leitura, ou rebela-se contra ela, escolhendo outra prevista (LAJOLO *apud*, GERALDI, 1999).

Nesta pesquisa tem-se como ponto relevante a diferença entre leitor e "ledor" e ainda através deste, descobrir se os alunos que estão concluindo o Ensino Fundamental são leitores ou ledores, como também, qual o papel da escola na formação destes leitores.

2 Leitor ou Ledor?

Conforme definições nos diversos dicionários pode-se definir ledor como aquele que lê ou que tem o hábito de ler. Como também, aquela pessoa que se prepara para realizar leituras para aqueles que não podem ler. No entanto, perante todas essas definições sobre "ledor" foi preciso criar-se outra versão, este reproduz mecanicamente o escrito, ou seja, não consegue dar sentido ao que lê, passando assim a ser um mero decodificador de palavras.

Na visão de Keiman, (2002, p. 11) o leitor ideal, é aquele “engajado, crítico e que mantém o controle e reflexão consciente do aspecto interacional da leitura”. Assim, o leitor é considerado como um “sujeito que se esforça para criar sentido, para compreender as intenções e os objetivos do autor, para tornar o texto coerente, a partir da materialidade linguística”.

Ainda, segundo Kleiman (2011, p. 31) "existe uma relação entre o sujeito leitor e o texto enquanto objeto, entre linguagem escrita e compreensão, memória, inferência e pensamento". Por conseguinte, os componentes teóricos para uma boa formação didática na área da linguagem são: [...] um conhecimento da natureza da linguagem escrita; um conhecimento dos processos envolvidos na leitura e na escrita; e um conhecimento da

natureza da aprendizagem, tanto desses processos quanto da própria linguagem escrita” (KATO, 1990, p. 99).

2.1 Leitor e ledor: são sinônimos?

Sinteticamente, pode-se ressaltar que ledor é aquela pessoa que se prepara para realizar leituras para aqueles que não podem ler, isto é, aquele que lê ou que tem o hábito de ler. Por esta razão, a palavra “ledor” é sinônima de “leitor”. Contudo, em contrário à definição anterior e com base na visão de alguns autores sabe-se que a leitura é uma atividade individual e social, concomitantemente. Deste modo, é social porque se sujeita às convenções sociais, e é individual porque nela se apresenta as particularidades do leitor; especialmente, suas características intelectuais, sua memória e sua história.

Sob diferentes pontos de vista as duas faces da leitura se apresentam, em uma abordagem cognitivista, mais difundida atualmente, na qual o foco está na atividade intelectual do leitor. Para esta análise é preciso observar Kleiman (2013, p. 9) ao afirmar que a “compreensão de textos escritos”, e “processos cognitivos constituem a atividade em que o leitor se engaja para construir o sentido de um texto”. Assim, pode-se privilegiar a atividade do sujeito leitor na construção do sentido de um texto.

Jolibert (1994) assegura que, leitor e ledor não se confundem, pois o leitor não se apoia na decifração de letra por letra, sílaba por sílaba, palavra por palavra, como faz o ledor. Para o leitor, a abordagem do texto, isto é, sua leitura realiza-se por meio de um processo de questionamento, o qual não é estritamente dependente da decifração linear, ou seja, decifrar palavra por palavra da primeira a última linha do texto.

A partir de indícios discursivos o leitor faz hipóteses de sentido e verifica essas hipóteses no texto; para ele ler é uma situação de vida, isto é, base de crescimento pessoal e afetivo, como também, cognitivo e não simplesmente um exercício escolar. O leitor é o cidadão que tem o costume de ler e é capaz de interpretar um texto. Portanto, toda leitura é um “questionamento de texto, isto é, uma elaboração ativa de significado feita pelo leitor a partir de indícios diversos, de acordo com o que está procurando num texto para responder a um de seus projetos” (JOLIBERT, 1994, p. 149).

Ledor é um termo utilizado para designar o indivíduo alfabetizado que realiza a leitura somente no nível da decodificação, isto é, sujeito capaz de decodificar um texto, mas, não capaz de atribuir significados. A prática de leitura escolar volvida para a formação do leitor

não pode se restringir a fragmentos do livro didático; pois, leitura é uma atividade que demanda formação continuada, e seus objetivos não se alcançam através de um trabalho eventual. Por essa razão é que, segundo orientações do Ministério da Educação (MEC), torna-se indispensável à existência, no universo escolar de uma multiplicidade de materiais de leitura.

Em uma escola que se opta pelo “ledor” o trabalho basicamente com a leitura acontece em voz alta, acreditando que é a forma de se ensinar a ler, limitando-se à decodificação e à oralização, basta que o aluno diga em voz alta o que “decodificou, que pronuncie o código escrito em código oral, não explora a compreensão e muito menos a interpretação do texto, não provocando o desejo de ler, que é o suporte para aprender a ler e de fato se tornar leitor” (GONÇALVES, 2004, p. 3).

Assevera ainda a autora:

[...] Nossa crítica não quer recair na oralização do texto na escola. Pelo contrário, acreditamos que o trabalho com a oralização tem o seu valor, como desenvolver entonação e ritmo. A leitura oral pode e deve ser realizada após a leitura silenciosa, mas não apenas como exercício mecânico e sim como mais uma habilidade para exercitar a captação do(s) sentido(s) do texto. A decodificação faz parte do processo que leva a compreensão do texto, mas esta vai além daquela (GONÇALVES, 2004, p. 3).

Portanto, os papéis entre ledores em muitas áreas do conhecimento humano e leitores em algumas outras; não são estanques, pois, têm-se professores leitores e outros ledores e alunos leitores e outros ledores. O leitor gosta de escolher e de interatuar com outros leitores. Sobre esse tipo de trabalho, o professor de Língua Portuguesa tem responsabilidade. No entanto, cada área deve fazer a parte que lhe cabe.

Nessa visão interacionista, os aspectos sociais da leitura são colocados na relação entre dois sujeitos intencionais: a subjetividade que o autor estabelece com o outro da leitura, o leitor. A autora supracitada, ainda salienta dentre os esforços para a compreensão do texto, a utilização de “conhecimento prévio”. Este conhecimento obedece a diversas ordens: conhecimento linguístico, textual, de mundo, enciclopédico, que serão “ativados” na leitura. Esta amplia os horizontes, fazendo emergir pontos de vista diferenciados sobre uma dada realidade. (GONÇALVES, 2007)

Do mesmo modo que, Vargas (2009), ressalta que, há uma distinção entre leitores e ledores:

[...] mesmo os dois sendo decodificadores de discursos, a diferença está na qualidade da decodificação, no modo de sentir e de perceber o que está escrito. O leitor,

diferentemente do leitor, compreende o texto na sua relação dialética com o contexto, na sua relação de interação com a forma. Portanto, a leitura é sempre apropriação, invenção e produção de significados. (Vargas, 2009, p. 7-8).

Azevedo (2001), afirma que é necessária a transformação do leitor em um leitor crítico, capaz de entrar em confronto com o texto para a (re)construção do seu sentido ideológico e contra ideológico.

3 O papel da escola: Formar leitores

O papel da escola é o de formar leitores críticos e autônomos capazes de desenvolver uma leitura crítica do mundo. Nada obstante, na prática, esse conhecimento ainda parece perder-se perante outras concepções de leitura que também orientam as práticas escolares.

A leitura é exercitada na escola, considerando o consumo rápido de textos, ao passo que a troca de experiências, as discussões sobre os textos, a valorização das interpretações dos alunos tornam-se atividades colocadas em segundo plano. A quantidade de textos “lidos” (será que realmente são “lidos” pelos alunos?) é supervalorizada, deixando de lado a seleção qualitativa do material a ser trabalhado com os alunos.

Britto (*apud*, EVANGELISTA; BRANDÃO, MACHADO, 2011, p. 84), afirma que “a leitura tem de ser pensada não apenas como procedimento cognitivo ou afetivo, mas principalmente como ação cultural historicamente constituída”. Esse conhecimento da leitura como ato de posicionamento político em presença do mundo necessita estar presente na prática de sala de aula. Os alunos precisariam ser capazes de “experenciar” o ato de ler como uma ação cultural, em que o leitor tem desempenho eficaz nas redes de significação do texto.

Dentre os vários autores que analisam o processo de escolarização do ato de ler, considerando as concepções de leitura que norteiam o trabalho dos professores em sala de aula, Kleiman (2002) faz uma análise crítica sobre as concepções de leitura que circulam no espaço escolar. Segundo ela,

[...] a escola ainda prioriza a leitura como mera decodificação, pressupondo um leitor passivo, cuja participação volta-se primordialmente para a superfície do texto. Além dessa concepção, a leitura é trabalhada no espaço escolar tendo como objetivo final alguma estratégia de avaliação, o que coloca o aluno diante de uma tarefa árdua: é preciso ler para fazer exercícios, provas, fichas de leitura, resumos, enfim, o ato de ler visa cumprir tarefas escolares (KLEIMAN, 2002, p. 24).

Na medida em que as leituras são impostas, objetivando o cumprimento de tarefas puramente escolarizadas, o ato de ler passa a ser compreendido pelos alunos como uma obrigação e as escolhas pessoais dos leitores não são privilegiadas. Essa concepção autoritária da leitura promove um apagamento da voz do aluno enquanto leitor e produtor de textos.

De acordo com Kleiman (2002, p.24) "é durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto". É exatamente na troca de experiências e histórias de leitura que, de fato, acontece o intercâmbio entre textos e leitores. Nada obstante, a escola parece não incitar a função interativa das práticas de leitura, ao privilegiar atividades que desmotivam o aluno e geram a aversão dos educandos ao mundo dos livros.

A visão de Freire (1982), é destacada ao se explicar que a linguagem e a realidade se prendem dinamicamente e, que a compreensão de um texto implica na percepção das relações entre este e o contexto, ao considerar que o ato de ler não se acaba na decodificação pura da palavra escrita, já que a leitura de mundo antecede a leitura da palavra, e a leitura desta não pode dispensar a continuidade da leitura daquele.

Também Kleiman (2013) assegura que a compreensão de um texto envolve o conhecimento prévio do leitor e que é mediante a interação de diversos níveis de conhecimento como o linguístico, o textual e a experiência de mundo, que o leitor vai construindo o significado do texto.

Nesta perspectiva, a leitura de um texto tomado como pura descrição de um objeto que tem como principal objetivo a memorização, não pode ser considerada real leitura, porque a memorização mecânica não se constitui em conhecimento do objeto, o que só acontece quando há a apreensão de sua significação mais ampla. Assim, Quintana (2007) remete-se ao conceito de que leitura é produção, tanto do ponto de vista psicológico quanto do ponto de vista sociológico, já que ao se ler um texto coloca-se em ação o todo o sistema de valores, crenças e atitudes que refletem a experiência de mundo do leitor.

Ao considerar a experiência de "conhecimento de mundo", Freire (1988) chama-a de recriação da experiência vivida, a qual que deve ser ativado durante a leitura, permitindo economia e seletividade nos atos de fala e da escrita. Esse conhecimento prévio, essencial ao processamento do texto, uma vez que possibilita ao leitor a realização de inferências, apreendidas como operação cognitiva, é que faz com que o leitor construa novas proposições,

a partir de outras já dadas, com as quais completa os vazios textuais, construindo então, significados para a palavra escrita.

Explica Trabasso (1980 *apud*, BRAGGIO, 2006, p. 44) que, quando um leitor faz uma indução, “encontra relações semânticas e/ou lógicas entre as proposições ou eventos que estão expressos na narrativa, ou preenche a informação que é necessária para fazer tais conexões entre eventos”.

Ao refletir sobre o funcionamento da compreensão no processo de leitura, Orlandi (2008) mostra que, a produção de sentidos que ocorre durante a leitura de um texto ocorre em situações determinadas de caráter sócio-históricas; pois, quando se lê, ativa-se um processo de produção dos sentidos a partir de um lugar e com uma direção histórica determinada. O que demonstra que os sentidos são parte de um processo, que se realize em um determinado contexto, não se limitando a ele, já que se institucionalizam com base em um passado e se projetando em um futuro.

Na concepção da autora:

Os sentidos não nascem *ab nihilo*. São criados. São construídos em confrontos de relações que são sócio-historicamente fundados e permeadas pelas relações de poder com seus jogos imaginários. Tudo isso tendo como pano de fundo e ponto de chegada, quase que inevitavelmente, as instituições. Os sentidos, em suma, são produzidos. (ORLANDI, 2008, p. 60).

Nas escolas e mais especificamente nas aulas de leitura é comum verificar que os professores se baseiam no livro didático. As aulas de leitura na escola deveriam ter como prática a construção dos sentidos para os textos e não a cópia de respostas do texto; pois, o sentido do texto se produz nas relações dialógicas e na multiplicidade de leituras. Nesse processo, o aluno-leitor não deve ser passivo, todavia, o agente que busca significações. A leitura é interação entre leitor/texto/autor.

3.1 Têm-se leitores no Ensino Fundamental?

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) para se fazer uma abordagem sobre leitores e leituras, é necessário rever anteriormente o conceito apresentado sobre a leitura como:

[...] processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de uma atividade que

implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência (BRASIL, 1998, p.69).

Também se faz importante rever a história de leitura ou até mesmo do descaso que foi dado ao ensino da língua materna e da leitura no Brasil no séc. XIX:

Um pai ao levar seu filho ao colégio recomenda que não se gaste tempo com o estudo de Português que todos sabem que estude o Francês e o Latim; porque lhes disseram que a gramática portuguesa estuda-se na latina. [...] O menino escreverá em português, sim, mas no português que aprendeu com sua ama; [...] Como exigir que o país se honre com larga cópia de brilhantes escritores se a matéria-prima de toda arte de escrever, o pátrio idioma, lhes foi negada pela própria sociedade que injustamente lhes reclama o fruto de uma semente que ela não lançou à terra? [...] Exija-se, pois, o estudo da Língua Portuguesa, familiarizem-se os alunos com o correto dizer dos que falaram e escreveram a língua e teremos removido uma grande dificuldade (FRASÃO, 1863, p. 22).

Pelo prescrito atualmente nos PCNs, os programas que se tem, como: Programa de Formação Continuada de Professores das Séries Iniciais do Ensino Fundamental (Pró-Letramento) nas áreas de Alfabetização e Linguagem, em muito enfatizam a importância de se trabalhar a leitura no seu real significado linguístico, nas salas de aula. Mediante o Sistema Educacional Brasileiro (SEB), o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), e o Ministério da Educação e Cultura (MEC) há uma coordenação de dois importantes Programas: o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), os quais podem ser chamados de grandes portais para o acesso ao livro no Brasil, pois, atendem a milhões de alunos das escolas públicas. Juntando-se ainda, tem-se outro considerado programa, de grande alcance em relação ao incentivo a leitura, que é o Programa "Literatura em minha casa", e as "Olimpíadas de Língua Portuguesa". Diante de todos esses pontos que beneficiam o acesso à leitura das crianças e adolescentes, e comparando com a concepção que se tinha no séc. XIX, em relação à língua materna e especialmente a leitura, chega-se à conclusão que se têm todas as condições atualmente, de formar leitores proficientes.

3.2 Os Leitores e as Leituras hoje: A intertextualidade como estratégia de leitura

Quando se discute significado da leitura, pensa-se logo na leitura da palavra escrita. O ato de ler se tornou hoje mais amplo: tem-se a leitura do corpo, do desenho, da gravura, da pintura,

da fotografia, além disso, a leitura da cidade, com sua grandeza de símbolos e sinais. “A leitura do cinema e mais a leitura do texto e da imagem que passaram para a tela do computador, transformando os leitores em navegadores do ciberespaço” (LAJOLO *apud*, GERALDI, 1999, p. 91).

Os leitores e as leituras de hoje, devem ser observadas pelo olhar de Fischer (2005) ao dizer que:

Os correios eletrônicos, salas de bate-papo e mensagens de texto nos celulares reforçam a constatação da comunicação pela leitura sobrepujando a comunicação oral. Os adolescentes que acessam o "texto" virtual em todas as suas variações logo serão adultos com habilidades e tecnologias muito mais sofisticadas. São eles que determinarão o futuro da leitura, o qual, ao que tudo indica, exigirá uma quantidade muito maior de leitura que em qualquer outro período (FISCHER, 2005, p. 293).

Fica difícil classificar os tipos de leitores e leituras diante dessa multiplicidade. Tem-se o leitor movente, fragmentado, que nasce do advento dos jornais e das multidões nos centros urbanos, que é inquieto de linguagens efêmeras e híbridas. Tem-se ainda, o leitor virtual, aquele que navega em uma tela de computador, programando leituras em um universo de signos que se esgotam, que apagam, entretanto, sempre disponíveis, desde que não se perca a rota.

Neste contexto, Bakhtin (2010), primeiro teórico a apresentar um conceito de “texto” como sendo, “toda produção cultural com base na linguagem”, defende o processo de leitura, não podendo ser concebido de forma desvinculada da noção de intertexto; uma vez que o princípio dialógico é o que permeia a linguagem e confere sentido ao discurso, sendo elaborado consecutivamente a partir de uma multiplicidade de outros textos.

Assim, a intertextualidade, uma relação entre textos, se dá, tanto na produção como na recepção da grande rede cultural, de que todos participam. São quadros que dialogam com outros quadros, são filmes que retomam outros, são poemas escritos com versos alheios. Portanto, são textos em diálogo com outros textos.

Para Kristeva (2012) o texto em um todo, se constrói como "mosaico de citações", nesse olhar, o texto passa a ser apreendido como o fato situado na história e na sociedade. Assegura a autora ainda que:

Pelo seu modo de escrever, lendo o corpus literário anterior ou sincrônico, o autor vive na história, e a sociedade se escreve no texto. Um texto estranho entra na rede da escritura: esta o absorve segundo leis específicas que estão por descobrir. Assim, no programa de um texto, funcionam todos os textos do espaço lido pelo escritor (KRISTEVA, 2012, p. 98).

A leitura como um ato que coloca o leitor em ligação com outras leituras e seus significantes e significados, promove igualmente, a intertextualidade e o dialogismo. Assim, Bakhtin (2010, p. 88) afirma que:

Para se tornarem dialógicas, as palavras precisam encontrar outra esfera de existência: precisam tornar-se discurso. Assim, o dialogismo bakhtiniano designa a escritura, ao mesmo tempo, como subjetividade e comunicatividade ou, melhor dizendo, como intertextualidade; face a esse dialogismo, a noção de "pessoa-sujeito da escritura" começa a se esfumar, para ceder lugar a uma outra, a da "ambivalência da escritura" (BAKHTIN, 2010, p. 88).

Portanto, ler é uma prática básica, essencial para o aprender. Segundo Rangel (2011), nada pode substituir a leitura, ainda que em uma época de proliferação dos recursos audiovisuais e da Informática. A leitura é parte fundamental do trabalho, do empenho, de perseverança, da dedicação em aprender.

Para finalizar, deve-se ter como propósito ao se desenvolver um trabalho eficaz de leitura nas escolas, a realização de um trabalho participativo de Professores de escolas públicas e particulares de Ensino Fundamental e Ensino Médio de todo o país, das Secretarias de Educação municipais e alunos do 5º ano do Ensino fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Ao participarem de todos os programas propostos, o professor tem a oportunidade de ensinar, priorizando a função social da escrita, e de refletir sobre a prática. Desse modo, apropria-se da metodologia da sequência didática para o ensino de gêneros textuais. Por sua vez, o aluno amplia o domínio da linguagem oral, da leitura e da escrita; aprende a produzir um gênero de texto e aprofunda o olhar sobre o lugar onde vive. E por fim, a comunidade ao se aproximar da escola e se envolver no processo da aprendizagem, tem seus saberes reconhecidos.

4 Considerações Finais

O hábito de ler é decorrente do exercício e nem sempre se constitui em um ato prazeroso, porém, sempre necessário. Por esta razão, devem-se buscar estímulos para a introdução do hábito de leitura nos educandos. Um ponto importante a ser observado é que independente da disciplina que o professor ensine, que ele seja um leitor. Para que em seguida, o professor descubra no aluno o leitor.

Com essa prática, pode-se construir e formar um leitor crítico, capaz de compreender o que lê, procurando também dialogar com outros textos em uma busca de sentido. Para tal, as escolas devem valorizar mais a cultura trazida pelo aluno, qualquer que; e a partir daí, fazê-lo entender a diversidade cultural.

Em sala de aula, a leitura consolida-se gradativamente como atividade conectada à obrigação da rotina de trabalho, ao passo que o ato de ler, como forma lúdica e prazerosa de reconstruir mundos possíveis, revela-se em uma prática pouco discutida e concretizada. A noção de língua, como sistema abstrato de signos, a compreensão de texto, como mera soma de palavras ou de frases descontextualizadas, do mesmo modo, que o conceito de leitura como simples decodificação é perspectiva que também, orientam o ensino de língua/literatura em diversas escolas.

Há limitações na exploração didática da leitura com a preponderância de perguntas que incutem, no estudante, a noção de leitura como "constatação" e não como construção ou negociação de sentidos.

Em geral, as escolas formam o "leitor reproduzidor", o chamado "ledor", deixando um pouco de lado, as estratégias conclusivas que são pouco recorrentes e que o aluno não consegue apreender o sentido lúdico e criativo da leitura; não desenvolvendo leitores críticos, uma vez que, no contexto de sala de aula, a leitura é trabalhada como uma prática rotineira e mecânica. Pode-se concluir que, o leitor, diferentemente do ledor, compreende o texto na sua relação dialética com o contexto, na sua relação de interação com a forma. Já o leitor contrai por meio da observação mais apreendida, da concepção mais eficaz, uma percepção mais analítica do que está sendo lido, chegando à sua essência, à política do texto. Na medida dessa percepção é que ocorre a compreensão social da leitura, pois, o professor ao auxiliar o leitor, que nesse caso, é o aluno, constata-se que a leitura como fonte de conhecimento, de domínio do real, é um prazer que se decodifica profundamente no texto.

Referências

AZEVEDO, M. A Para a construção de uma teoria crítica em alfabetização escolar. In: AZEVEDO, M.A.; MARQUES, M.L. (Org.). *Alfabetização Hoje*. 4 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001, p. 31-50.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 7 ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

BORDINI, M. G. Por uma pedagogia da leitura. *Letras de Hoje*, Porto alegre, v.21, n.1, p. 111-119, 1986. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Tc4PyTI->

sCIJ:revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/17438+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 26 jul. 2015.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Unesp, 1998.

EVANGELISTA, A.; BRANDÃO, H.; MACHADO, M. (Orgs.). *A escolarização da leitura literária*. 2. ed. 3. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

FISCHER, S.R. *História da leitura*. São Paulo: UNESP, 2005.

FRASÃO, M. J. P. *Cartas do Professor da roça*. Rio de Janeiro. Trad. Paula Brito, 1863.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler e três artigos que se complementam*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999.

GONÇALVES, L. M. *Do ledor ao leitor: Um estudo de caso sobre as insuficiências na utilização do jornal em sala de aula no ensino de Língua Portuguesa em turmas do último ano do ensino fundamental*. Tese (Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004.

_____. *O Jornal na sala de aula e os perfis de leitura: perfil do leitor e perfil do ledor*. 2007.

Disponível em:

<file:///C:/Users/WINDOWS/Desktop/MILENE%20VARGAS%20DA%20SILVA%20BATISTA%20-%20Agosto%202015/PESQUISAS/GON%C3%87ALVES%20-%20O%20JORNAL%20NA%20SALA%20DE%20AULA%20E%20OS%20PERFIS%20DE%20LEITURA....pdf>. Acesso em: 25 jul. 2015.

JOLIBERT, J. *Formando Crianças Leitoras*. (Trad. Bruno C. Magne). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KATO, M. A. *No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática. 1990.